

Eu também tive um sonho...

“Senhor, dá-me dessa água” (Jo 4, 15).

Há um certo tempo, sobretudo recentemente, vidas de israelenses e palestinos estão entregues à sorte de bombardeios de mísseis, tiros e atentados. Não somente suas vidas, mas nossos corações também são vítimas dessas barbáries da intolerância humana. Choca assistir as cenas de terror causadas por tanta incompreensão de forma passiva, como se fosse uma mega produção *hollywoodiana*. Mas infelizmente aquilo são cenas da vida real e um grande alerta para todos que não são capazes de entender ou aceitar as diferenças. Sim, a discriminação, a não aceitação das diferenças e o preconceito podem chegar a graus extremados, a transformar uma terra santa no inferno.

Não tenho o intuito de entrar nos pormenores do conflito da faixa de Gaza e nem do Oriente Médio de uma forma geral. São questões extremamente complexas, se quisermos fazer uma análise séria do assunto, que envolvem um emaranhado de problemas de ordens políticas, econômicas, culturais e religiosas. Porém, creio que se tentássemos fazer um esforço de simplificar toda esta questão, poderíamos identificar como uma das principais raízes, talvez a mais profunda, a incapacidade de aceitar e respeitar as diferenças.

Esta dificuldade não se encontra somente nos corações de israelenses e palestinos, e sim no coração de várias pessoas do mundo inteiro. Somos extremamente hábeis na arte de excluir, rejeitar e afastar todos e tudo o que não está de acordo com a nossa conduta, nossos padrões e nossa forma de pensar. Basta a pessoa se vestir de maneira diferente, ser fisicamente diferente (magra ou gorda demais, deficiente física ou mental), ter hábitos, religião ou costumes diferentes que logo a rotulamos, olhamos meio desconfiados ou a tratamos, mesmo que só internamente, de outra forma.

Tal realidade também pode ser vivenciada, infelizmente, nas comunidades, movimentos e pastorais cristãs católicas apostólicas romanas que têm um Deus Uno e Trino de Amor e como modelo de ser humano: Jesus Cristo. Qual Igreja não possui grupos ditos como fechados, que não aceitam ideias novas e renovação? Que podem até aceitar a convivência com pessoas fora do padrão, mas que na prática e lá no fundo não tem a mesma intensidade de relacionamento para com este diferente?

Nesta reflexão me veio logo à mente o encontro de Jesus com a mulher samaritana no poço de Jacó narrado em Jo 4, 7-26. Uma bela lição de superação dos preconceitos sociais, culturais, religiosos e de diferença de linguagem.

Não existia ruptura mais profunda de relacionamento humano na época de Jesus do que a hostilidade entre judeus e samaritanos, pois os judeus consideravam os samaritanos um povo impuro e não merecedor da salvação. Jesus, um judeu “autêntico”, jamais deveria estar conversando com um samaritano, muito menos sendo esta pessoa uma mulher, desacompanhada de seu marido e naquela hora do dia, horário que ninguém costumava pegar água.

Jesus simplesmente ignora todos os aspectos superficiais e impeditivos de um encontro profundo e autêntico com o próximo e com Deus, transpondo todas as barreiras. Ele chega no mais profundo daquela pessoa para, a partir da realidade dela, estabelecer um diálogo livre de amor. A amplitude e profundidade da doutrina do amor de Jesus não podia exigir ato maior de um judeu do que aceitar um samaritano como irmão. E hoje Ele pede o mesmo para cada um de nós.

O poço é fundo e é preciso lançarmos o balde da compaixão preso a corda misericórdia para chegarmos ao outro, no mais profundo de cada um, para que, em comunhão com ele e com Deus, possamos beber da verdadeira água que mata a sede humana e nos traz a vida.

É preciso coragem e discernimento para nos libertarmos de qualquer tipo de preconceito que possa impedir esse encontro transformador, salvífico e libertador. É preciso transpor todas as barreiras religiosas, sociais, políticas e econômicas para estar de coração aberto para esse encontro íntimo e profundo na fonte reveladora do nosso próximo. A exemplo de Jesus, é preciso ter muita sabedoria, amor e paciência para respeitar as diferenças e ser capaz de promover esse encontro.

Aprofundando mais nesta reflexão e deixando um pouco de lado o rigor que a ortodoxia exige, a exemplo de Martin Luther King, eu também tive um sonho. Um sonho também ousado e absurdo para algumas pessoas. Mas um sonho cheio de amor, marcado por uma experiência com Jesus. Um sonho que talvez faça com que nós, como Igreja, sejamos um reflexo mais nítido do amor livre e profundo de Deus pela humanidade revelado por Jesus com a luz do Espírito Santo.

Eu tive um sonho, que um dia as diferenças culturais, sociais, raciais, econômicas, religiosas e físicas não fossem mais barreiras que impedissem aproximação de ninguém. Não um mundo uniforme, sem diferenças, mas um mundo onde as diferenças fossem fatores de enriquecimento, respeito e crescimento. Um mundo visse a Igreja como um reflexo vivo e concreto dessa atitude de Jesus para com a Samaritana.

Eu tive um sonho, de uma Igreja que seja capaz de ir no fundo de cada ser humano, transpondo toda e qualquer barreira e deixando de lado as diferenças, para que, lá no fundo de cada ser, seja capaz de lançar o balde da experiência de Deus, fazendo com que aquela pessoa beba da água da vida eterna. Uma Igreja que tenha coragem de repensar a situação de segunda união, da ordenação de mulheres e de homens casados, que diminua a dicotomia entre clero e laicado, entre outras coisas. Uma Igreja comunidade de cristãos mais abertos à acolhida e ao amor do que a julgamentos e divisões.

Talvez possa parecer apenas um sonho louco que jamais vai se realizar, pelo menos a curto prazo. Mas, há aproximadamente 45 anos atrás, Martin Luther King também ousou em sonhar, hoje Barack Obama é presidente dos Estados Unidos. Só depende de cada um de nós estarmos dispostos a beber desta fonte de água viva, pois ainda estamos sedentos de amor. Só depende de nós, sonhadores, de tornar os sonhos em realidade.

Leonardo Núñez de M Reis
Bacharelado em Teologia na PUC-Rio
leonardo.reis@gmail.com